

CONFERÊNCIA MARQUES da SILVA 2014
por José António Bandeirinha (U.Coimbra)

Intervenção de abertura da Presidente do Conselho de Administração
Da Fundação Marques da Silva

Ex.mos Senhores

Reitor da U.Porto, Professor Sebastião Feyo de Azevedo

Diretor da FAUP, Professor Carlos Guimarães

Prof. Arqº José António Bandeirinha

Representantes de diversas entidades da cidade e demais ilustres convidados aqui presentes

Senhores Professores, Senhores Arquitetos, Caros Estudantes

Na vida das instituições há sempre momentos e atos que, pelos seus significados ou pelo seu simbolismo, constituem marcas indeléveis senão da sua identidade, pelo menos da sua capacidade de estabelecimento de redes colaborativas que permitem uma maior aproximação ao meio em que se situam ou em que se movem.

São também esses momentos, cadencialmente repetidos mas sempre diferentes, que marcam, simultaneamente, a regularidade e o avanço progressivo e construtor da sua vida institucional e das parcerias que vão cimentando. Por isso mesmo, têm para os seus responsáveis um significado que vai muito além de outros fenómenos ou de outros acontecimentos pontuais, também significantes no quadro da vida institucional, mas menos perduráveis por ficarem prisioneiros do tempo que os viu passar.

As Conferências Marques da Silva são, por diversos motivos, um

dos marcos daquela cadência evolutiva, ao mesmo tempo que se afirmam como momentos de forte simbolismo para a Instituição, porque com elas e com a sua diversidade evidenciamos publicamente a importância da abertura do leque de domínios em que se move a cultura arquitectónica e artística e para a qual esta Fundação pretende contribuir.

Completa-se este ano, e precisamente neste mês de outubro, o oitavo ano das Conferências. Permitam-me uma referência pessoal, porque esta conferência coincide com o 8º ano consecutivo da minha presidência desta instituição (de 2006 a 2008 no anterior Instituto e, desde 2009, na FIMS), presidência que em breves dias deixarei para poder dar lugar a um novo ciclo da Instituição. Finalizar este ciclo de 8 anos com a Conferência do Professor José António Bandeirinha tem, especialmente para mim enquanto presidente, um significado particularmente reconfortante, por diversos motivos, alguns deles pessoais que aqui não importam.

Creio que hoje podemos afirmar que a Fundação Marques da Silva revelou, inequívoca e publicamente, o alcance da estratégia que em 2009 publicámos, o seu imenso potencial para a valorização da cultura arquitectónica e para a salvaguarda do património documental que lhe está na base. Com essa estratégia tentámos evidenciar a especificidade da sua missão e o seu lugar no conjunto das entidades do Norte de Portugal dedicadas à preservação, ao tratamento, conhecimento e valorização do património arquitectónico nos seus diversos suportes; com ela evidenciámos como é possível estabelecer neste domínio redes de cooperação com outras entidades da cidade e da região, assentes na transparência dos métodos e no papel próprio de cada uma; com ela concretizámos a vontade de evidenciar publicamente a importância da salvaguarda do património documental dos arquitectos - e precisamente com essa ambição e a sua sólida

concretização granjeámos a confiança de diversos arquitectos ou dos seus familiares que a ela quiseram confiar os seus acervos documentais, sejam na componente de arquivo, seja da de biblioteca, seja na de outros suportes documentais (por exemplo, tridimensionais, como é o caso das maquetes). No seu conjunto, esta rica e diversificada documentação – de aquitectos marcantes da cidade e de várias gerações, desde Marques da Silva a Fernando Távora e Alcino Soutinho, passando por Maria José Marques da Silva, David Moreira da Silva, João Queirós e José Carlos Loureiro – está hoje quase plenamente consultável, com possibilidade de reprodução sob múltiplas formas, devidamente identificada em termos técnicos, graças à metodologia aprovada há vários anos pelos especialistas de Ciência da Informação, os professores Armando Malheiro e, em especial, Fernanda Ribeiro (desde 2009 também membro do CA) e à sua operacionalização, através do trabalho discreto, dedicado e tecnicamente adequado, do nosso corpo técnico, em particular nas áreas de arquivo e biblioteca. Por ser um trabalho discreto e por a descrição já não ser nos nossos dias valorizada como merece, deixo aqui o meu público agradecimento às Dr^{as} Conceição Pratas e Ana Ramos (coadjuvadas por alguns estagiários de Ciência da Informação) a quem louvo a dedicação, o espírito institucional, a lealdade e a disponibilidade para fazerem sempre mais e melhor, em estreita articulação com a estratégia e as orientações do Conselho de Administração.

Além disso, por estes dias irão ser disponibilizados em linha, para o mundo, através do software *Atom*, muitas das digitalizações que, com apoios vários, em particular da FCG e, na vertente informática, da Reitoria da U.Porto, tornarão facilmente acessíveis e consultáveis os variadíssimos documentos que preservamos, tratamos e valorizamos. Esse será muito

especialmente para nós, membros do Conselho de Administração, um momento alto da concretização de uma ambição que alimentámos desde que assumimos as funções dirigentes da Fundação – como o foi também saber que uma obra de recuperação de um nosso imóvel, num projeto contratualizado com a FAUP em 2008, foi objeto de selecção e atribuição do Prémio João de Almada pela CMP.

Assim se irá cumprindo a nossa visão de ampla divulgação, com competentes critérios de ordem técnica, dos acervos documentais que foram confiados a esta instituição. Assim vamos concretizando progressivamente a visão que em 2009 formulámos: a de que esta Fundação seja (cito) uma “instituição de referência nos domínios da cultura arquitectónica e artística, do projecto de intervenção patrimonial, do estudo, tratamento, conservação e divulgação de documentação de arquitectura, tanto a nível nacional como internacional, cooperando sempre que possível com outras instituições ou entidades com idênticas finalidades”, conforme consta do nosso Plano Estratégico. Porque sem fontes originais, sem documentação de suporte que registre os momentos da história e da vida (individual e colectiva), sem o rigor e a qualidade no seu tratamento, nada do que se faça em termos de exibição pública tem valor perdurável, porque não passará de comemoração efémera e circunstancial, sujeita à erosão do tempo e da sua volátil memória. Mas os documentos, com a sua rigorosa identificação, com o seu estudo, com o registo e conseqüente o cimento da memória que eles garantem ficarão para sempre, para novas leituras, para novas “visitas”, para novas “vidas”, para mostrar ao futuro que o passado também foi criativo e que sem tal passado esse futuro concreto não existiria.

Mas este trabalho foi sendo feito afirmando também a vontade de cooperar com outras instituições ou entidades da cidade. E por isso, no caso das

Conferências Marques da Silva, decidimos desde o início propor à FAUP que estas fossem feitas em assumida parceria num espaço também simbólico desta Faculdade – o auditório Fernando Távora.

À Faculdade, aos técnicos que operacionalizaram, ao seu conselho executivo e, de um modo especial, ao seu Diretor, Prof. Arquiteto Carlos Guimarães, que generosamente autorizaram (têm autorizado) esta(s) conferência(s) deixo o nosso sincero agradecimento.

Estas Conferências têm, no seu espírito e na sua concretização, um carácter muito mais aberto do que o domínio específico da documentação que a FIMS preserva e faculta aos interessados. Elas pretenderam e pretendem alargar os horizontes do que é a vocação primeira da FIMS, convocando problemáticas e perspectivas que abarcam múltiplas dimensões culturais e sociais com que a Arquitetura se cruza, favorecendo vias de abertura a diversas dimensões da cultura arquitectónica que, não sendo estritamente disciplinares, não são menos relevantes para enquadrar ou para lhe dar outros sentidos, em que a dimensão humana tem também, felizmente, um papel não negligenciável.

Mas tudo o que esta Fundação construiu nos últimos anos só foi possível porque contamos com a colaboração inextinguível de um conjunto de pessoas que, de um modo genuinamente generoso, sem qualquer contrapartida de ordem financeira, têm colaborado ativamente na afirmação da nossa estratégia:

Começo pelos membros dos órgãos sociais da FIMS (Conselho Geral, Conselho Científico, Conselho Fiscal), porque nos apoiaram sem reservas na definição de uma estratégia em que todos acreditamos. Permitam-me que, aqui e hoje, deixe publicamente os meus agradecimentos, também pesso-

ais, a **todos** os seus membros e que deixe um reconhecimento muito especial (e especialmente carinhoso) aos meus colegas do Conselho de Administração, que referirei sem qualificativos, em sinal do meu sincero reconhecimento e afeto: o Rui Ramos, a Fernanda Ribeiro, o Rui Azevedo, a Clara Paulino, pessoas de diferentes competências, mas que as souberam fazer convergir, com profundo sentido institucional a que se foi associando a construção de laços afectivos não menos importantes, para uma estratégia comum que se tem revelado estar no caminho certo.

Tenho também de evocar a colaboração de diversas instituições – em especial a Reitoria da Universidade do Porto e algumas das suas Faculdades (particularmente Arquitetura, Letras e Belas Artes) e a TV.U, a Fundação de Serralves, o Teatro Nacional de S. João, o Museu Nacional Soares dos Reis, o Centro Português de Fotografia, A Direção Regional de Cultura do Norte, a Ordem dos Arquitetos através do seu Conselho Diretivo Regional do Norte, a Câmara Municipal do Porto e pessoas várias – que não nomearei para não correr o risco de alguma omissão involuntária –, que conosco têm colaborado sempre de diversas formas e a quem estamos profundamente reconhecidos. Um agradecimento especial aos autores de obras que publicámos e que tiveram forte suporte na documentação da Fundação, aos investigadores que têm colaborado graciosamente com a FIMS e os vários conferencistas que anualmente têm respondido ao nosso convite e aos que se têm associado a nós neste momento. Hoje, de um modo especial, ao Prof. Arquiteto José António Bandeirinha que, sem hesitar, com a amabilidade e gentileza que todos lhe conhecemos, aceitou de imediato o desafio que lhe lançámos.

Um agradecimento tanto mais reconhecido quanto sabemos que a realização desta conferência acresce aos múltiplos e importantes compromissos

profissionais que tem neste momento entre mãos – nomeadamente a sua colaboração na exposição na Fundação de Serralves sobre o projeto SAAL em que é reputado especialista. Aqui fica o nosso – e o meu em particular – reconhecimento pela simpatia e pela disponibilidade para partilhar o seu saber, inclusive para permitir a gravação da conferência pela TV.U, gravação que permitirá que perdure para além da memória do tempo presente a reflexão sobre um tema tão sugestivo como é o da “**Arquitectura, a Praça da Autonomia e o Boulevard da Epistemologia**”.

Muito obrigada também a todos os presentes, por estarem connosco neste significativo momento.

Maria de Lurdes Correia Fernandes

(Presidente do Conselho de Administração)